

Para que nos serve o estudo?¹

Dom José Tolentino de Mendonça

“Rabi Shemuel b. Marthà, dizia: O estudo da Torá vale mais do que a reconstrução do templo”.
Talmud Babilonense, Meghillá, 16b

“Como seria bom se as salas das universidades fossem estaleiros de esperança”.²
Papa Francisco

Introdução

É com muita alegria que me junto às festividades do 50^a aniversário da Faculdade Eclesiástica, no início deste ano académico. Aproveito para saudar as autoridades eclesiais e académicas presentes, os convidados, os caros colegas professores, os queridos estudantes, os colaboradores e funcionários, pois todos fazem a única comunidade Académica.

Quando o Professor Waldecir me lançou o convite para esta fala, veio-me ao pensamento um texto da filósofa Simone Weil assim apelidado: “Reflexões sobre o bom uso dos estudos escolares em vista do Amor a Deus”. Trata-se de um texto – este de Simone - que frequento há anos, que me comove intensamente de cada vez que o leio, e que, confesso, me continua a dar que fazer. Julgo que os grandes textos que encontramos na vida não têm por função tranquilizar-nos. Como explicava Simone Weil, “o sofrimento não tem a ver com a alegria; mas a alegria tem a ver com o sofrimento”. Isto é: a alegria

¹ O presente texto é fruto da Aula Inaugural que o Cardeal Tolentino proferiu, em modalidade remota, junto ao Departamento de Teologia da PUC-Rio, no dia 22/03/2022 (<https://www.youtube.com/watch?v=JLvYw88vhV8>).

² FRANCISCO, PP., Visita à Universidade de Bolonha.

não é um estado de isenção, mas requer de nós uma exposição interminável à disciplina, ao adestramento, à inquietude e à paixão, à capacidade de sofrer e se por e à prova, sabendo que, como ela escreve, “a alegria de aprender é tão indispensável aos estudos como a respiração aos atletas na hora da corrida”.

Falar do estudo, como a propósito dele fala Simone Weil, é reconhecer que não se trata simplesmente de uma técnica, como se fosse um território neutro do ponto de vista emocional ou espiritual. E colocar-lhe ao lado o adjetivo “escolar” não significa cristalizá-lo em função de uma determinada utilidade, mas implica sim remontar àquilo que a palavra grega *scholé* indicava: o tempo que o cidadão dedicava a si mesmo e à sua formação (à sua *paidéia*), que deveria ser completa e integral, expressando-se como *enkyklios*, isto é, circular no sentido da abrangência e universal na ordem do objeto.

1. Revisitando o contexto histórico

Uma das razões que afetivamente mais me ligam a este ensaio Weiliano, “Reflexões sobre o bom uso dos estudos escolares em vista do Amor a Deus”, que desejo aqui revisar, é o seu contexto histórico, que não deve ser esquecido. Este texto surgiu numa das horas mais sombrias do século XX, num ocidente que se desmoronava, em incerteza, crueldade e escombros. Data do último mês de Simone Weil em Marselha, um período de febril atividade de escrita: estamos em Abril de 1942. Ela terminou a sua redação, como se respondesse a uma irrecusável urgência, e confiou-o, num pacote com outros escritos, ao seu amigo Gustave Thibon, não o voltando a reler. A 14 de Maio embarcou para Casablanca, onde esteve com outros 900 passageiros, num campo de refugiados à espera de partir para a América. Tal só aconteceria a 7 de Junho, a bordo do transatlântico português Serpa Pinto, que nesses anos ficou conhecido como “o navio do destino”, pois funcionava como a derradeira ponte de esperança para os milhares de perseguidos e exilados que tinham de deixar a Europa.

Para entendermos melhor a verdadeira natureza deste texto espiritual de Simone Weil que nos ocupa, talvez valha a pena aproximá-lo de outras obras que surgiram nesse crucial e dolente ano de 1942: pensemos no romance “O estrangeiro”, de Albert Camus ou no relato diarístico de Saint-Exupéry, “Piloto de Guerra”, onde o escritor defende que o conflito armado, que então se atuava, é o resultado de uma falência da civilização; pensemos na célebre pintura de Picasso, “Natureza-morta com crânios de touros” ou na canção

“White Christmas”, que fez inundar as estações de rádio das forças armadas norte-americanas com pedidos para que a transmitissem em continuação. A voz de Bing Crosby, incitava, no meio do negrume, a sonhar com o topo de árvores resplandecentes e com crianças que prestam atenção não às sirenes dos bombardeamentos, mas aos sinos dos trenós na neve.

Reportando-se ainda à dramática experiência desses anos, o autor italiano Primo Levi escreveria um dos livros emblemáticos do século que passou: refiro-me a “Se isto é um homem” (1947). E o seu programa (estético, ético, humano, se quisermos) era fazer-nos refletir no seguinte, como se nos desferisse um murro no estômago:

Vós que viveis tranquilos
 Nas vossas casas aquecidas,
 Vós que encontrais regressando à noite
 Comida quente e rostos amigos:
 Considerai se isto é um homem
 Quem trabalha na lama
 Quem não conhece paz
 Quem luta por meio pão
 Quem morre por um sim ou por um não.
 Considerai se isto é uma mulher,
 Sem cabelos e sem nome
 Sem mais forças para recordar
 Vazios os olhos e frio o regaço
 Como uma rã no Inverno.
 Meditai que isto aconteceu:
 Recomendo-vos estas palavras.
 Esculpi-as no vosso coração
 Estando em casa andando pela rua,
 Ao deitar-vos e ao levantar-vos;
 Repeti-as aos vossos filhos.
 Ou então que desmorone a vossa casa,
 Que a doença vos entreve,
 Que os vossos filhos vos virem a cara.³

³ LEVI, P., Se isto é um homem.

2. Quando o estudo se assemelha a um sacramento

É verdade. Simone Weil não pretendeu, com o seu ensaio sobre o bom uso dos estudos escolares em vista do amor a Deus, especular sobre as melhores vias para o sucesso pedagógico, nem sequer almejou lançar as bases para uma qualquer espiritualidade do trabalho intelectual. Desse ponto de vista, o material que ela fornece é escasso, para não dizer decepcionante. Para ela, tratava-se sim de lutar pela sobrevivência daquilo que define o humano. Batalha que não sei se nós, que “vivemos tranquilos nas nossas casas aquecidas; que encontramos, regressando à noite, comida quente sobre a mesa e rostos amigos”, sabemos exatamente o que seja. Mas que, segundo Simone Weil, é simplesmente isto: compreender que a própria vocação outra coisa não é do que a orientação completa da vida para a verdade, e que existir só ganha sentido na obediência a essa vocação, nesse desejo ardente pela verdade e no interminável esforço de atenção que a aproximação à verdade supõe. Só quando tal está salvaguardado, como defendia Simone, os estudos escolares se tornam “um desses campos que encerram uma pérola pela qual vale a pena vender todos os bens, sem nada guardar para si, a fim de a poder comprar”. Mas ela vai ainda mais longe sublinhando a semelhança que existe entre o exercício escolar e um sacramento. Para isso, argumenta deste modo: “A solução de um problema de geometria não é em si um bem precioso, mas a mesma lei também se lhe aplica, porque ela é a imagem de um bem precioso. Sendo um pequeno fragmento de verdade particular, é uma imagem pura da Verdade única, eterna e viva, essa Verdade que disse um dia com uma voz humana: “Eu sou a verdade”. Pensado assim, todo o exercício escolar se assemelha a um sacramento”.

3. Quando se deseja um pouco de pão não se recebe pedras

É curioso, por exemplo, que a sua primeira grande crise tenha ocorrido na adolescência, aos 14 anos de idade. O seu irmão André Weil, um extraordinário talento matemático, apenas dois anos mais velho do que ela, fora admitido com estatuto excecional no departamento científico da École Normale Supérieure. A comparação com a inteligência fulgurante do irmão era inevitável e Simone afunda-se num estado de prostração, que não nascia tanto da inveja ou da humilhação pelo estatuto de inferioridade quanto do medo de que, sendo menos dotada intelectualmente, ficasse, por isso, excluída

da procura da verdade. E ela preferia morrer a considerar-se capturada por semelhante privação. De facto, ela julgava nessa época, que só as pessoas muito inteligentes estavam em condições de aceder à verdade. A experiência de terrível sofrimento, como ocorrerá diversas vezes ao longo do seu percurso, será a travessia para um entendimento novo que ela própria descreve na primeira pessoa na sua “Autobiografia espiritual”: “Após meses de trevas interiores, improvisamente e para sempre, tive a certeza de que qualquer ser humano, mesmo se as suas faculdades naturais são quase nulas, penetra no reino da verdade reservado ao génio, se deseja com todas as forças a verdade e aplica-se na atenção para atingi-la... A certeza por mim alcançada é que quando se deseja um pouco de pão não se recebem pedras”.⁴

4. Os estudos escolásticos e os quatro caminhos

Essa crise inicial foi superada, mas o contacto direto com esse dilema forneceu-lhe as linhas axiais que encontraremos em tantos momentos futuros do seu pensamento e também no que aos estudos escolares diz respeito. Qual é a tese de Simone Weil? Podemos resumi-la em quatro pontos:

- 1) O mais importante para progredir nos estudos escolásticos, sejam eles quais forem, é encará-los não apenas em si mesmos, mas como uma oportunidade para treinar a atenção. Se existe realmente aquilo que Simone chama “uma conceção cristã dos estudos” outra coisa não é do que colocar no centro da existência o aprofundamento progressivo desta faculdade intelectual e espiritual. Ela apresenta-o desta forma desassombrada: “Se bem que hoje tal pareça ignorar-se, a formação da faculdade da atenção é o verdadeiro fim e quase o único interesse dos estudos. A maioria dos estudos escolares tem também um certo interesse intrínseco; mas esse interesse é secundário. Todos os exercícios que fazem um verdadeiro apelo à capacidade de atenção são interessantes a título idêntico e de modo quase igual. (...) Os estudantes que amam Deus não deveriam dizer nunca: “Eu amo as matemáticas”, “Eu amo o francês”, “Eu amo o grego”. Eles devem aprender a amar tudo isso, porque tudo isso faz crescer essa atenção que, orientada para Deus, é a substância mesma da oração”. Neste caso, por exemplo, não ter o gosto, nem a aptidão natural por uma determinada discipli-

⁴ WEIL, S., Attesa di Dio, p. 25.

na ou área do saber, deixa de constituir um problema. Torna-se, bem diferentemente, uma favorável circunstância para aguçar o esforço de atenção. E um esforço de atenção realizado nunca se perde: ele acaba se tornando uma luz espiritual capaz de aclarar aquilo que, a princípio, a nossa inteligência não conseguia ver. “Se procuramos com verdadeira atenção a solução de um problema de geometria e, ao fim de uma hora, não estamos mais avançados do que no começo, avançamos, todavia – garante Simone -, durante cada minuto dessa hora, numa outra dimensão mais misteriosa. Sem que o sintamos, sem que o saibamos, este esforço aparentemente estéril e sem fruto introduziu mais luz na alma. O fruto encontrar-se-á um dia, mais tarde, na oração”. De um modo inesperado, aquele que treinou com empenho a sua atenção numa determinada matéria, estará mais competente para entender outra. A atenção dedicada à lógica amplia certamente a capacidade de entender a filologia bíblica. Ou o empenho dedicado a estudar a história será depois recompensado na compreensão da teologia fundamental. “Cada esforço acrescenta um pouco de ouro a um tesouro que nada no mundo poderá saquear. Os esforços inúteis empreendidos pelo Cura d’Ars, durante longos e dolorosos anos, para aprender latim, deram todos os seus frutos no discernimento maravilhoso pelo qual ele distinguia a própria alma dos penitentes por detrás das suas palavras e mesmo por detrás do seu silêncio” – escreve a jovem filósofa. E diz ainda: “No momento em que nos aplicamos a um exercício, é necessário querer empreendê-lo corretamente; porque esta vontade é indispensável para que haja realmente esforço. Mas, através deste fim imediato, a intenção profunda deve dirigir-se unicamente para o acréscimo do poder de atenção em vista da oração...Pôr nos estudos esta única intenção, com exclusão de qualquer outra, é a primeira condição do seu bom uso espiritual”. Aquele que realiza a sua trajetória académica sem desenvolver dentro de si esta atenção está a perder um incomensurável tesouro que lhe virá, depois, a faltar.

- 2) O mais importante para progredir nos estudos escolásticos, sejam eles quais forem, é encará-los como um caminho de santidade tão bom como qualquer outro. De facto, um aspeto relevante no ensaio de Simone Weil é este de não separar os estudos da vida espiritual, como se de uma parte pudéssemos colocar a racionalidade e o seu cultivo

abstrato e da outra parte inscrever a vida espiritual ou pastoral e as suas práticas. Para Simone há claramente uma continuidade entre estudo e oração, entre aprendizagem intelectual e contemplativa, entre vida acadêmica e santidade. Com uma ressalva que é, porém, válida para todos os outros domínios: os estudos escolásticos, para nos endereçarem na via da santidade devem permitir-nos exercitar a virtude da humildade e nos darem, “com uma clarividência irresistível”, a consciência “que somos algo de medíocre”. A aventura intelectual, intensamente vivida, é mais o lugar para treinar a quenose do que a instalação narcísica nesse estado de cegueira ontológica que são a vaidade e o orgulho. Para isso, precisamos aprender a reconhecer que os falhanços e erros têm afinal um papel precioso. Nada é mais necessário ao bom sucesso escolar, explica a autora, do que “nos obrigarmos rigorosamente a olhar de frente, a contemplar com atenção, durante muito tempo, cada exercício escolar falhado, em toda a torpeza da sua mediocridade, sem procurar nenhuma desculpa, sem negligenciar nenhuma falha nem correção do professor, procurando recuar à origem de cada falha”. Sabemos como nos pesa a tentação de fazer precisamente o contrário, caindo na trapaça de lançar um apressado olhar oblíquo à nossa imperfeição, e ocultar imediatamente, com orgulho ferido, o nosso erro.

- 3) O mais importante para progredir nos estudos escolásticos, sejam eles quais forem, é permitir que a inteligência se deixe conduzir não pela vontade, mas pelo desejo. Enquanto que, no trabalho manual, a vontade tem um papel preponderante, pois permite cerrar os dentes e continuar em frente, isso não serve no trabalho acadêmico. Pode até acontecer que um percurso acadêmico todo assente no esforço da vontade seja premiado com bons resultados, mas Simone não hesita em considerar tal percurso completamente estéril. Para ela, “é o papel do desejo no estudo que permite fazer deste uma preparação para a vida espiritual. Porque o desejo, orientado para Deus, é a única força capaz de fazer elevar a alma. Ou melhor, apenas Deus vem apoderar-se da alma e a eleva, mas somente o desejo obriga Deus a descer. Ele não vem senão para os que lhe pedem que venha. E para aqueles que pedem frequentemente, prolongadamente, ardentemente, Ele não pode impedir-se de descer”. Não se trata, portanto, de colocar o acento na

busca, mas na expectativa, visto que aquilo que é verdadeiramente precioso nós não o podemos encontrar por intermédio das nossas forças, só o podemos esperar. E aí, como na parábola de Jesus (Mt 25,1-3) os únicos recursos que temos são a vigília, a espera e a atenção.

Por isso, a atenção não enche o pensamento, antes como que o esvazia, tornando-o disponível para a vinda de Deus. Simone recorre a esta imagem: “como um homem sobre uma montanha, ao olhar em frente, percebe debaixo de si, mas sem o mirar, muitas florestas e planícies” assim “o pensamento deve estar vazio, em espera, sem nada procurar, mas pronto a receber, na sua verdade nua, o objeto que o vai penetrar”. Todos os nossos erros, falhanços, equívocos e atrapalhações nos estudos nascem da tentação de precipitarmos o pensamento antes do tempo sobre uma resposta que o preencha, em vez de tê-lo “deixado estar disponível para a verdade”.

- 4) O mais importante para progredir nos estudos escolásticos, sejam eles quais forem, é, por fim, compreender que o amor aos nossos semelhantes é feito da mesma substância do amor a Deus, isto é, da atenção. E que aquilo que se disse do bom uso dos estudos em vista do amor a Deus tem idêntica pertinência para a orientação ao amor do próximo. O diagnóstico de que Simone Weil parte deve representar para nós um abanão. Diz ela: “A capacidade de prestar atenção a um desventurado é coisa muito rara, muito difícil; é quase um milagre; é um milagre. Quase todos os que creem ter esta capacidade não a têm. O calor, o ímpeto do coração, a piedade não são suficientes”. Os desventurados e infelizes não se confinam a uma categoria social etiquetada: são a universalidade dos seres humanos que, num momento ou noutro do seu caminho, são assinalados pela desventura com uma marca inimitável. Na sua argumentação, a filósofa recorda a lenda do Santo Graal, onde se diz que ele pertencerá a quem perguntar ao seu guardião: “Qual é o teu tormento?”. Para Simone, a plenitude do amor ao próximo é ser capaz de lhe perguntar isso mesmo: “qual é a tua ferida?” ou “que tormento transportas?”. Mas para poder realizar esta essencial pergunta é preciso “um olhar atento”, quer dizer, é requerida uma delicadíssima operação da alma em que esta “se esvazia de todo o conteúdo próprio para receber nela mesma o ser que olha tal como

ele é, em toda a sua verdade. Disto só é capaz aquele que é capaz de atenção”. É fundamental que os exercícios escolares, mesmo os mais áridos, mesmo aqueles que realizamos com maior sofrimento ou com resultados mais escassos nos tornem capazes um dia mais tarde, “se a ocasião se apresentar, de levar a um desventurado, no instante da sua suprema angústia, exactamente o socorro suscetível de o salvar”.

Conclusão: Vivemos uma mudança de época

Façamos um movimento espiritual idêntico àquele que Simone Weil realizou interpretando a sua época. Essa operação, penso, é decisiva para que esta geração diga, com todas as implicações, o que estudar significa e onde deve levar-nos o estudo. Quando Simone escreveu “sobre o bom uso dos estudos escolares em vista do Amor a Deus” ela ousou colocar o ouvido junto ao coração do seu tempo e sugerir caminhos de profunda renovação, ao arrepio como vemos das gramáticas dominantes. Sabemos que esse exercício nada teve de fácil. Pelo contrário, custou-lhe essa espécie de martírio solidário em que a sua vida, pouco depois, se consumou. Escutemos, então, o nosso tempo. E perguntemo-nos também nós: para que nos serve o estudo?

Referências bibliográficas

FRANCISCO, PP. **Visita à Universidade de Bolonha.**

LEVI, P. **Se isto é um homem.**

WEIL, S. **Attesa di Dio.**

Dom José Tolentino de Mendonça

Doutor em Teologia Bíblica pela Universidade Católica Portuguesa

Arquivista e Bibliotecário do Vaticano

Itália

E-mail: josetolentinomendoca@gmail.com